



Educomunicação e Ciberjornalismo: aproximação e sintonia¹

Antonia Alves Pereira²
Cristiane Parente de Sá Barreto³

Resumo A proposta deste artigo é realizar uma correlação entre o paradigma da Educomunicação e o ensino do Ciberjornalismo, destacando teorias e práticas que dialoguem com os saberes científicos do Jornalismo, as ferramentas tecnológicas e os processos educacionais. Esse diálogo permanente, tendo como princípio a comunicação enquanto direito humano culmina na formação de um profissional capaz de cultivar um olhar crítico e voltado para a alteridade nas narrativas jornalísticas pautada em uma democracia participativa e no exercício da cidadania. Para isso, é preciso que os cidadãos tenham acesso não apenas aos meios de comunicação e novas tecnologias, mas a informações de qualidade que respeitem a diversidade de fontes e a pluralidade de opiniões. Essas mesmas condições são intrínsecas à proposta educacional que se fundamenta no diálogo que se dá pelo encontro das diferenças, no exercício da cidadania e no empoderamento individual e coletivo dos indivíduos. Nesse processo formativo, o conceito de Educomunicação atua na criação do ecossistema comunicativo aberto, interdiscursivo e dialógico por meio das áreas de intervenção que discute a recepção crítica das mensagens, valoriza a gestão dos processos comunicativos e a mediação tecnológica dos recursos disponíveis, além da produção midiática em vista de práticas jornalísticas cidadãs por meio da produção colaborativa com os leitores. Ao final do artigo, serão apresentadas práticas que já estão em execução em faculdades de Jornalismo espalhadas pelo país.

¹ Artigo enviado na modalidade Ensino de Ciberjornalismo.

² Graduada em Comunicação Social – Jornalismo; Especialista em Educação a Distância; Mestre em Ciências da Comunicação; Pesquisadora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Membro do Conselho Consultivo Deliberativo (CCD) da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). E-mail: antoniaalves@unemat.br.

³ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo; Doutoranda em Educação para os Media e Pesquisadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho; Mestre em Mídia e Educação pela Universidade de Brasília (UnB); Máster en Comunicación y Educación pela Universidad Autónoma de Barcelona; Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC/UFRJ. E-mail: cristiane.parente@hotmail.com.

Palavras-chave: Ensino. Ciberjornalismo. Empoderamento. Gestão da comunicação. Educomunicação.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é realizar uma correlação entre o paradigma da Educomunicação e o ensino do Ciberjornalismo, destacando teorias e práticas que dialoguem com os saberes científicos do Jornalismo, as ferramentas tecnológicas e os processos educacionais, tendo em vista contribuir para a formação do cidadão-leitor por meio de uma leitura mais autônoma, crítica e criativa das mensagens que recebem do mundo e da mídia. É essa compreensão que traz o paradigma da Educomunicação ao repensar os fenômenos de ensino-aprendizagem numa sociedade profundamente impactada pelos dispositivos tecnológicos, a partir de uma abordagem menos tecnicista.

Ao analisar as práticas educacionais na educação básica, Pinheiro (2016) também apontou essas evidências nos cursos de Jornalismo, constatando que há uma lógica instaurada que funde publicidade, consumo e informação, além de ignorar os direitos fundamentais que se misturam com a prática diária de mercado, dificultando a formação dos jornalistas. Apenas uma parcela dos jornalistas⁴ “tem noção de que o trabalho do jornalista é fundamental para preservar o direito do cidadão à informação” (PINHEIRO, 2016, p. 8).

Contudo, há um movimento acadêmico que vem procurando alterar esse cenário. As Novas Diretrizes Curriculares do Curso de Bacharelado em Jornalismo, promulgadas em 2013 e o *Mapeamento do Ensino de Jornalismo Digital no Brasil*, publicado em 2010, vêm alertando para essa sociedade em mutação. De acordo com o Mapeamento, a qualidade dos cursos será pauta pela melhoria da produção jornalística proporcionada pelas atividades de pesquisa e extensão que ampliam o currículo formativo com a perspectiva cidadã (ITAÚ CULTURAL, 2010).

⁴ Isso foi comprovado pela pesquisa da professora Roseli Fígaro, realizada em 2014, sobre o perfil dos jornalistas que trabalham em São Paulo. A maioria dos 538 entrevistados vê a informação como um produto ou negócio (Pinheiro, 2016).

Mais do que se adequar às novas tecnologias digitais e sua vasta ramificação na Internet com suas possibilidades de expressão, o ensino de Ciberjornalismo pode ser um potencializador dessa proposta ao aproximar o leitor do processo noticioso, levando-o ao exercício da cidadania como almeja a Educomunicação.

2 CIBERJORNALISMO

Importante ressaltar que o termo Ciberjornalismo não é consensual, sendo também conhecido por jornalismo online, jornalismo multimídia, jornalismo digital, webjornalismo (BASTOS, 2010). Muitos pensadores e estudiosos do tema, inclusive, nem sequer concordam com a distinção entre jornalismo e ciberjornalismo.

Neste trabalho, assumimos Ciberjornalismo como ramo do Jornalismo com as suas especificidades, plataformas e práticas próprias, entre outras características (BASTOS, 2010); que utiliza o ciberespaço para investigar, elaborar e difundir conteúdo (DÍAZ NORI; ALIAGA, 2003) e ainda como modalidade jornalística no ciberespaço, como defende Schwingel:

modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas. Seu processo de produção contempla a atualização contínua, o armazenamento e recuperação de conteúdos e a liberdade narrativa com a flexibilização dos limites de tempo e espaço, e com a possibilidade de incorporar o usuário nas etapas de produção. Os sistemas de gerenciamento e publicação de conteúdos são vinculados a bancos de dados relacionais e complexos (SCHWINGEL, 2012, p. 37).

Segundo Bastos (2010), quando se fala em Ciberjornalismo é preciso levar em consideração o contexto a que estamos nos referindo, porque não só os conteúdos digitais não são produzidos desconectados da mídia em geral, como as condições econômicas e profissionais na indústria da comunicação afetam a forma como o jornalismo é realizado em suportes digitais.

Fazendo uma contextualização histórica percebemos que o jornalismo entrou em contato com o mundo digital na década de 80, embora desde a década anterior a informatização dos textos, das redações e da produção gráfica tenham

gerado mudanças nas rotinas jornalísticas. O Ciberjornalismo, porém, só tem seu boom com o surgimento de *browsers* como o Netscape e o Internet Explore nos anos noventa, possibilitando as primeiras versões digitais.

Inicialmente, o ambiente trazido pela internet para o mundo jornalístico foi visto com expectativa pela possibilidade de disseminação de conteúdos e alcance de um público mais amplo, mas com o passar do tempo, problemas apareceram e expectativas frustraram-se. Passou a haver uma maior dependência das agências de notícias, jornalistas passaram a conviver com a ideia do público como co-produtor da informação, maior quantidade de trabalho em menos tempo, aumento no número de demissões, marketing e publicidade tomando o lugar do jornalismo na produção de notícias e falta de consenso em relação a novos modelos de negócios, sem uma noção ou reflexão crítica sobre a viabilidade econômica desse empreendimento.

Segundo Zamith (2013), aos poucos os meios perceberam que a Internet possui características únicas com a possibilidade de fragmentação da produção e do consumo, o que potencializa a quebra das relações verticais típicas dos meios tradicionais e possibilita aos cidadãos acessar diretamente suas fontes e participar do processo de produção da informação, o que se aproxima do que a Educomunicação entende como democratização da informação e dos meios de produção.

Nesse início, as empresas de mídia tradicionais viram esse universo apenas como uma nova forma de distribuir os conteúdos já produzidos em outros formatos ou como complementação ao seu trabalho nos formatos tradicionais (ALVES, 2006, p. 94). Rosental Alves enfatiza que se iniciava um processo de “midiamorfose” – termo cunhado por Roger Fidler para referir-se à revolução pela qual os meios tiveram que passar; e de “midiacídio” quando há morte dos veículos que não conseguem se adaptar ao novo ambiente de rupturas tecnológicas, levando à morte de carreiras e de empresas de comunicação (ALVES, 2006).

Por volta da metade dos anos 2000, pesquisadores do como Marcos Palácios, Elias Machado, Carla Schwingell e Lucas Rocha (SCHWINGEL, 2012) estruturam o jornalismo digital em quatro fases: 1) reaproveitamento dos conteúdos

dos meios convencionais (1995-1997); 2) metáfora dos meios convencionais (1997-1999); 3) lançamento de produtos adaptados ao novo meio (1999-2002); e 4) desenvolvimento de produtos articulados em bases de dados complexas (desde 2002).

Mais que propor novos negócios sustentáveis ou de cunho cidadão, na produção ciberjornalística é preciso considerar critérios como o direito à comunicação enquanto direito humano, o cultivo do olhar crítico voltado para a alteridade nas narrativas jornalísticas. Esse princípio do Jornalismo também é o da Educomunicação, que pode levar à produção de notícias tendo em vista uma democracia participativa e o efetivo exercício da cidadania.

3 EDUCOMUNICAÇÃO

Desde a virada do milênio já se discute sobre a sociedade contemporânea estar envolta em torno do progresso da técnica e da tecnologia que mesclam linguagens e saberes que circulam por dispositivos midiáticos interconectados. É o que Martín-Barbero denomina como *ecossistema comunicativo* com novas sensibilidades e novos modos de perceber, de sentir e se relacionar com o tempo e o espaço, o que traz nova compreensão da cultura que poderia ser assumida como facilitador da interação das experiências que reorganizariam os saberes, os fluxos de informação e as redes de intercâmbio (MARTIN-BARBERO, 2002).

Resgatando a experiência, Soares (1999) promove a ressignificação do ecossistema comunicativo para o campo da Educomunicação entendendo-o como um *lócus* que busca a descentralização de vozes, a dialogicidade e a interação para a vivência do equilíbrio e harmonia no ambiente em que interagem os atores sociais por meio de uma construção criativa promovida pelos agentes sociais que se empenham em melhorar seu fluxo de comunicação.

O conceito contribui para a criação de um ecossistema comunicativo aberto, interdiscursivo e dialógico por meio das áreas de intervenção que discutem a

recepção crítica das mensagens, valorizam a gestão dos processos comunicativos e a mediação dos recursos tecnológicos disponíveis, além da produção midiática em vista de práticas jornalísticas cidadãs por meio da produção colaborativa com os leitores. Assim, Educomunicação é entendida como

o conjunto das ações inerentes ao planejamento e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2001, p. 43).

Justamente por ser um conjunto de ações inerentes ao planejamento e à avaliação de processos, programas e produtos é que acreditamos que esse paradigma pode atuar nos cursos superiores tendo em vista projetos voltados para o desenvolvimento e a ampliação da cidadania, a meta da Educomunicação. Assim, os princípios indissociáveis do ensino, pesquisa e extensão asseguram aos cidadãos o respeito à diversidade e à pluralidade, levando-os ao compartilhamento de seus anseios de transformação social (SOARES; MORAES, 2012, p. 119).

A Educomunicação se fundamenta no diálogo, no encontro das diferenças, no exercício da cidadania e no empoderamento individual e coletivo dos agentes sociais, tendo como precursores Paulo Freire e Mario Kaplun que defendiam a comunicação horizontal nas relações e o desenvolvimento da competência comunicativa, respectivamente. Vale destacar que entendemos empoderamento como “processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (HOROCHOVSKI, 2007, p. 486).

4 JORNALISMO COM INTERFACE CIDADÃ

Um jornalismo comprometido com a defesa da democracia atua na ampliação e compreensão dos fatos (ROTHBERG, 2012, p. 227), dedica-se à contextualização e à fundamentação de informações e críticas que provoquem repercussões com responsabilidade social (ARANHA, 2014, p. 94). Sendo a

cidadania uma conquista histórica, “o grau de direitos alcançados depende da capacidade de articulação civil e da correlação de forças no embate político” (PERUZZO, 2007, p. 46).

Graças à facilidade de acesso e de interação proporcionada pelos aplicativos para *smartphones*, assim como suportes e softwares de captação, processamento, edição, etc de textos e imagens cada vez mais acessíveis, o jornalismo ganhou novo fôlego com a participação do *prosumer* – produtor e consumidor de informação em tempo real. Essa colaboração de cidadãos na produção das notícias trouxe ao jornalismo convergente, hiperlocal, colaborativo e inovador novas possibilidades mercadológicas por meio da economia criativa⁵.

Por estar focado nas necessidades cotidianas dos indivíduos e em produtos diferenciados para o público, Carvalho e Carvalho (2014) consideram o jornalismo hiperlocal como um avanço do jornalismo comunitário ou colaborativo, o que levaria à superação da crise de modelo de negócios que os jornais vêm enfrentando. Ele está presente em blogs individuais e coletivos ou microblogs e os jornais locais e de bairros, atuando diretamente com a comunidade em que estão inseridos.

Essa prática pode ser visualizada em duas experiências que demonstram que a instituição acadêmica pode contribuir com a comunidade do seu entorno: O jornal laboratório *on-line* do projeto “Portal Comunitário”, do curso de Jornalismo da UEPG, em Ponta Grossa-PR, que atende 60 entidades da cidade; e o projeto da TV Unesp, a partir da compreensão do jornalismo público, em Bauru-SP, que capacita moradores para a produção de telejornalismo.

Ao criar condições para a produção audiovisual de qualquer cidadão e das lideranças das organizações sociais, os cidadãos participam do poder de decisão do órgão e ampliam sua cidadania comunicacional (PERUZZO, 2007, p. 158). Para Bordenave (1994, p. 77), a participação é um processo de desenvolvimento da

⁵ Economia Criativa é um termo criado para nomear modelos de negócio ou gestão que se originam em atividades, produtos ou serviços desenvolvidos a partir do conhecimento, criatividade ou capital intelectual de indivíduos com vistas à geração de trabalho e renda. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-economia-criativa,3fbb5edae79e6410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

consciência crítica e de aquisição de poder que transformará as pessoas, antes passivas e conformistas em pessoas ativas e críticas.

Nesse processo, os jornalistas tornam-se mediadores de uma comunicação participativa que discute os temas de seu cotidiano tendo em vista a “defesa e a promoção da democracia, cidadania e liberdade, aprofundando as discussões de temas do cotidiano e da agenda social” (MACHADO FILHO; FERREIRA, 2016, p. 105). O jornalismo cidadão faz emergir a divergência de opinião frente ao jornalismo tradicional como demonstram os grupos alternativos Centro de Mídia Independente (CMI)⁶ e Mídia Ninja, com suas estruturas descentralizadas e colaborativas, tendo suas reportagens sustentadas pelas redes sociais, marcadas pela sociabilidade *on-line* e pela navegação planetária.

Esses grupos inseridos na cultura digital apresentam como características: colaborativismo, surgimento na internet, uso de *smartphones*, uso de internet móvel e difusão de informação via redes sociais. Isso significa que estão mesclando a convergência midiática com a convergência cultural a partir do novo formato de produção de conteúdo de caráter jornalístico, que combate a homogeneidade da agenda imposta pelos meios tradicionais (RENÓ; DANGOSKI, 2014, p. 190).

Para Targino (2009), o posicionamento do CMI distancia-se do chamado jornalismo convencional e tradicional por situar-se na perspectiva da mídia alternativa expressa em conceitos como jornalismo cidadão, jornalismo cívico, *open source journalism*, jornalismo de fonte aberta, jornalismo participativo, jornalismo 3.0, webcolaborativa, websocial, internet de nova geração, software social ou web2.0.

5 EXPERIÊNCIAS EM CURSO

Assim como as práticas cidadãs dos projetos da UEPG e da Unesp Bauru, muitas instituições têm adotado oficialmente o conceito de educomunicação para promover seus projetos de extensão, de pesquisa e/ou das atividades laboratoriais. Já existem dois cursos de graduação e inúmeros programas de pós-graduação *latu-sensu* e *strictu sensu* com linhas de pesquisa nessa interface.

⁶ Centro de Mídia Independente (CMI) – Independent Media Center (IMC); no Brasil: o CMI Brasil.

Criado em 2009, o pioneiro é o Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), seguido pela Licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo (USP), em 2010. Ambos preparam o profissional para atuar em escolas, instituições de terceiro setor e no mercado convencional dos meios de comunicação.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) há uma disciplina do Bacharelado de Jornalismo e um programa interdisciplinar que atua junto aos cursos de Jornalismo e Pedagogia, além das Licenciaturas, favorecendo a efetiva troca de saberes. Também podemos destacar experiências com pesquisa e extensão nas universidades federais de Pelotas-RS (UFPeI), de Juiz de Fora-MG (UFJF) e de Santa Maria-RS (UFSM), além da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), que integra metodologias participativas com foco na educação básica, na democratização da comunicação e no efetivo exercício da cidadania.

De acordo com Pereira, Ferreira e Scaloppe (2016, p. 9), os cursos de Jornalismo da UFMT e Unemat contemplam em suas práticas laboratoriais e extensionistas princípios do jornalismo cidadão e indícios educacionais, dentre os quais: produção colaborativa, trabalho em equipe; inter/transdisciplinaridade, metodologias participativas e empoderamento social.

Dessa forma, pode-se constatar que um currículo atual, dinâmico, participativo e colaborativo nos Cursos de Jornalismo pode formar cidadãos engajados em uma sociedade com uma visão ampla de homem e de mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo midiático tem passado por uma série de transformações ligadas à tecnologia e às questões sociais e culturais, levando a questionamentos em relação ao conceito de jornalismo, sua função social e participação do público e cidadão leitor como produtor de informações e co-autor na construção de notícias.

Se por um lado essa participação é positiva, também suscita reflexões sobre a necessidade de um olhar crítico acerca dos conteúdos (cada vez em maior quantidade) que recebemos diariamente e dos riscos e benefícios que decorrem

desse excesso informativo. Podemos perguntar: ter mais informação é estar mais bem informado? Onde está a notícia com credibilidade? Como e onde buscá-la? O que acontece com a indústria jornalística nesse contexto? De onde virão as fontes de renda dos negócios ligados a conteúdos informativos? Quem os produziu e com que objetivos? Esses questionamentos nos levam a defender a Educomunicação como caminho para a democratização da comunicação de forma consciente, crítica, reflexiva.

Tendo em vista a finalidade do jornalismo que defendemos, definida como sendo a de “fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.9), ressaltamos o papel do Ciberjornalismo e suas potencialidades na democratização da informação, seu acesso, sua produção e processo dialógico com o leitor-cidadão na construção de uma informação confiável, rigorosa e necessária para a liberdade dos cidadãos e para uma verdadeira democracia, mesmos princípios educacionais.

Numa articulação processual, a Educomunicação e o Ciberjornalismo apresentam potencial de oferecer informações com mais qualidade e participação cidadã, além de contribuir com a formação midiática do público.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de Web... e a revolução continua**. Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, p. 93-102, 2006.

ARANHA, Angelo Sottovia. Cenário de convergência desafia a formação de jornalistas. In: BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de. **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. xx.

BASTOS, Hélder. **Origens e evolução do Ciberjornalismo em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento e CETAC, 2010

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é participação**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

CARVALHO, Juliano Maurício de; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Do hiperlocal aos insumos criativos: as mutações do jornalismo na contemporaneidade. In: BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de. **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 69-87.

Díaz Noci, Javier & Salaverría, Ramon (coord.) **Manual de Redacción Ciberperiodística**, Barcelona: Ariel Comunicación, 2003.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. **Problematizando o conceito de empoderamento**. Anais do II Seminário Nacional. Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil.

ITAÚ CULTURAL. **Mapeamento do Ensino de Jornalismo Digital no Brasil em 2010**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo - O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir**. Porto: Porto Editora, 2004.

MACHADO FILHO, Francisco; FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo colaborativo: a comunidade na prática jornalística de televisão. In: CASADEI, Eliza Bacheга (org.). **A extensão universitária em comunicação para a formação da cidadania**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 101-114.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación, 1º ed, Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

PEREIRA, Antonia Alves; FERREIRA, Jociene Carla Bianchini; SCALOPPE, Marlucci de Oliveira Machado. Interdisciplinaridade e engajamento com a comunidade nos cursos de Jornalismo da UFMT e Unemat. In: MEDEIROS, Eduardo; LACHOWSKI, Gibran; GOMES, Iuri Barbosa (orgs.). **O Ensino de Jornalismo em**

Mato Grosso – perspectivas e adequações às novas diretrizes. Departamento de Comunicação Social – Jornalismo, da Unemat. Coleção Comunicação e Regionalidades. 2016. (no prelo).

PERUZZO, C. **Televisão comunitária.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PINHEIRO, Rose Mara. **A Contribuição da Educomunicação para o Ensino Superior.** Revista Observatório, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 327-344, maio 2016. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br/index.php/observatorio/article/view/1692/8717>>. Acesso em: 14 set. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p327>.

RENÓ, Denis Porto. DANCOSKY, Andressa Kikuti. Entre a convergência e a divergência: o jornalismo cidadão do Mídia Ninja. In: BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de. **Jornalismo e convergência.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ROTHBERG, Danilo. Jornalismo, educação profissional e diretrizes curriculares. In: SOARES, Murilo Cesar; et. AL. (orgs.). **Mídia e cidadania: conexões emergentes.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 217- 232.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** In. Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte, Brasília, ano I, n.2 (jan./mar.), p. 19-74, 1999.

_____. (org.). **Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SOARES, Murilo Cesar; MORAES, Elaine Cristina Gomes de. Eventos como estratégias de comunicação em movimentos sociais: mobilização e visibilidade nas lutas da cidadania. In: SOARES, Murilo Cesar; et. AL. (orgs.). **Mídia e cidadania: conexões emergentes.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 117-132.

SOUZA, Danielle Andrade. A perspectiva de uma formação educacional no contexto de uma graduação em Comunicação Social. In: SARTORI, Ademilde

Silveira. **Educomunicação e a Criação de Ecossistemas Comunicativos**. Santa Catarina: Dioesc, 2014, pp. 57-66.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: Ibict: UNESCO, 2009.

SCHWINGELL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

ZAMITH, Fernando. **A contextualização no Ciberjornalismo**. Porto: Edições Afrontamento e CETAC, 2013.